

LABORATÓRIO DE SINGELOS FAZERES

organizadores

David Sperling . Elisabete Monteiro . Gabriela López
Mariane Santana . Mirna Linhares . Nayara Benatti

realização



apoio



LABORATÓRIO DE SINGELOS FAZERES

organizadores

David Sperling . Elisabete Monteiro . Gabriela López
Mariane Santana . Mirna Linhares . Nayara Benatti

Catálogo na Publicação
Biblioteca do Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo

L123

Laboratório de singelos fazeres / Organizadores:
David Sperling.... [et al.]. -- São Carlos: IAU/USP, 2022.
68 p.

ISBN 978-65-86810-34-9

1. Ciência cidadã. 2. Escola pública. 3. Laboratório colaborativo. 4. Relatos visuais. 5. Covid-19. I. Sperling, David, org.

CDD 720.72

Bibliotecária responsável pela estrutura de catalogação da publicação de acordo com a AACR2: Brianda de Oliveira Ordonho Sígolo - CRB - 8/8229

Esta obra é fruto do Projeto “Co-Escola: práticas colaborativas para qualificação de espaços de escolas públicas” realizado pelo Núcleo de Estudos das Espacialidades Contemporâneas do Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (NEC-IAU-USP) e a Escola Estadual Maria Ramos, na cidade de São Carlos, entre junho de 2020 e outubro de 2021.

O projeto foi contemplado no Edital de Apoio a Projetos de Pesquisa com Iniciativas de Ciência Cidadã da Pró-Reitoria de Pesquisa da Universidade de São Paulo.



Para visualizar o material completo do projeto “Co-Escola” acesse o site através do QR code.

ALISSON Matheus do Nascimento **ANA CAROLINA** Martins Dias Felizardo **ANA CLARA** dos Santos Faria **ANALaura** Brisola **BEATRIZ** Varani Eleuterio **CAMILLA** Vitória Benevides Soares da Silva **DAVI** Rodrigues **DAVID** Sperling **ELISABETE** Monteiro **EVELYN** de Oliveira Cerantola **FELIPE** de Souza **GABRIELA** López **GUILHERME** Polaci **GUSTAVO** Brito dos Santos **HUGO** César Faggian **ISAQUE** Oliveira Varandas **JHENIFFER** Câmara do Prado **JHONATAN** Camara do Prado **JOICE** Wenzel Peruce **JORGE** Matheus Rodrigues dos Santos **KEROLYN** Renata Mirarchi **LARA** Melotti Tonsig **LAURA** Francisconi Pereira **LUIZ** Eduardo Divino da Fonseca **MARCEL** Fantin **MARIA** Eduarda Alves **MARIA** Julia do Santos Evangelista **MARIANE** Santana **MARTA** Ferreira da Silva **MAYARA** Bandeira Macedo **MAYK** Henrique dos Santos Evangelista **MIRNA** Linhares **NAYARA** Benatti **NICOLAS** Bruno Gomes da Silva **NILCEIA** Wenzel **PAULO** Alves **PAULO** Eduardo Machado Fernandes **PÉROLA** Vitória Peixoto **RAFAELA** Alexandre Alto dos Santos **RENAN** Fratucci Nunes **RITA** de Cássia de Almeida **SABRINA** Bressani de Mattos **SABRINA** Paula Alcantara Lima **SUELLEN** Laureano **SYBELI** Pereira Alves de Lima Oliveira **VINÍCIUS** Torres Vitor **VITOR** Flores Pedretti **VITÓRIA** Augusta Azevedo Cornelio **VIVIANE** Regina Ferreira da Silva **YASMIN** Cristina Peixoto da Fonseca

realização



apoio



PRO-REITORIA DE PESQUISA



Ensinar e aprender são verbos que se conjugam juntos. Um não se faz sem o outro. E ambos se fazem a partir de um conjunto plural de mediações. Entre sujeitos e mundos. Entre saberes e fazeres. Entre processos e vivências. O mundo tecnológico habitado por sujeitos hiperconectados requer olhar justamente para a qualidade das mediações.

Escola, celular, laboratório, computador, lousa, aplicativos, caderno, redes sociais, livro, tela, mural são algumas de tantas outras mediações. E o livro talvez seja, historicamente, uma das mediações mais emblemáticas do ensinar-aprender.

Este livro foi criado para ser lido de diversas formas, aberto e separado em suas várias partes, que podem ser remontadas, presenteadas, expostas como um mural na escola, coladas em lambe-lambes nos muros das cidades... Um livro sempre em processo de reinvenção e que vai ganhando o mundo. São **LIVROS** no plural.

LIVROS

Entre o convite da Escola Estadual Maria Ramos para a realização de um projeto conjunto com o NEC-IAU-USP, a definição da proposta e o início de sua execução, o mundo se viu imerso na pandemia da COVID-19. Uma nova realidade logo se impôs, manifestada nos desafios para a manutenção da vida das pessoas e das famílias, entre a necessidade de distanciamento físico e a preservação da renda e dos vínculos sociais, entre a possibilidade de continuidade dos estudos e as assimetrias de acessos às redes digitais.

RELATOS

Como realizar um projeto colaborativo de requalificação dos espaços escolares, em um momento em que todos estavam apartados da escola?

O projeto foi então repensado para se configurar como registro histórico das vivências da comunidade escolar no contexto da pandemia e daquilo que lhe é significativo. Por meio de **RELATOS** orais e visuais, passamos a cartografar vivências em tempos e espaços do presente, reminiscências do passado e projeções de futuros.



CIÊNCIA CIDADÃ

O encontro entre saberes e fazeres diversos, modos de vida e pensamentos plurais é a própria base da esfera pública, da democracia e da educação como processo de autonomia baseado na igualdade das inteligências, que propõe Jacques Rancière. Este projeto é também fruto de um encontro entre escolas: de uma universidade pública e de uma escola pública de ensino primário e secundário, ambas situadas em São Carlos, no interior do Estado de São Paulo.

Versus a universidade que estende seus saberes para a sociedade, este projeto norteou-se pela proposta de Paulo Freire de comunicação dialógica, feita de escutas e de ações que devem ser significantes a todos os seus partícipes. É a partir desse lugar que apostamos em uma concepção de **CIÊNCIA CIDADÃ** não instrumentalizadora, mas co-criativa, e que se assenta sobre potencialidades pré-existentes, articulada com alguns dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da Agenda 2030 da Organização das Nações Unidas (ONU): a garantia de uma educação de qualidade, a formação de comunidades sustentáveis e o fortalecimento de parcerias e seus meios de implementação.



O tempo do cotidiano, da velocidade das conexões, o tempo da pandemia, o tempo histórico, o tempo de cada um, de todos nós. Ao longo de 16 meses nos encontramos a cada semana, remota e presencialmente, nas idas e vindas das possibilidades e dos protocolos de distanciamento social. Nesses encontros falamos do papel da arquitetura para cidades mais democráticas, das nossas experiências urbanas, dos espaços da escola, e desenhamos cartografias sensíveis das cidades vividas.

Dos espaços passamos aos **TEMPOS**: das memórias, das realidades e dos desejos. Entrevistamos uns aos outros, fizemos desenhos, passamos aos stencils, deixamos um registro de suas possibilidades nos muros da escola, inventamos remixes digitais e criamos um livro. O tempo passa e reiteramos o impulso humano de algo dele ser registrado.

TEMPOS

Uma ideia vira outra, que vira outra e outra... Uma linguagem abre espaço para outra, que abre para outra ainda... Uma memória é registrada em um desenho, que é reelaborado num stencil em papel. É registrado em uma parede da escola e processado em montagens digitais. Depoimentos são gravados em vídeos, excertos viram frases que ficam ressoando sem parar, e ganham a forma de texto impresso. Tudo isso, junto e misturado, se converte em livro, mural, website e canal de vídeos.

São manifestações, proposições e apropriações realizadas por um coletivo diverso, em muitas ações: colaborar, olhar, coletar, editar, estudar, criar, combinar, ajustar, dialogar, cortar, adicionar, esperar, escutar, selecionar, mudar, achar, montar, colar, recomeçar... mixar! Processos são feitos de verbos, e os verbos, todos juntos, se encontram nos **REMIXES**.



REMIXES

FÁBULAS

Cada stencil conta uma história

REALIDADES

O pebolim como o centro do convívio em um pátio de escola esvaziado. Uma sala de aula sem paredes, aberta para o mundo. As relações mediadas pelos celulares e a instabilidade dos vínculos sociais. A mesa posta para o almoço, pronta para ser compartilhada. A onipresença da máscara e do álcool gel. A árvore meio seca, meio viva, expressando o sentimento mais real.

MEMÓRIAS

A vida descomplicada entre os brinquedos, os vínculos recorrentes com as igrejas, a experiência extraordinária do cinema, os símbolos naturais e culturais das regiões originárias das (muitas) crianças que migraram.

DESEJOS

A casa na paisagem marcando o desejo de moradia própria em local aprazível, a mala carregando o símbolo do trabalho como estabilidade da vida, o horizonte de ter (muito) dinheiro, fazer a tão sonhada viagem de avião, cursar a universidade e ser pesquisadora, uma ponte pênsil como possibilidade de mudança.

Em remixes multicromáticos, outras narrativas surgem. Criam-se **FÁBULAS** visuais, dizendo da permanência da vida.

Algo existe em potência antes mesmo de sua existência. Algo nos habita mesmo que não tenhamos consciência. Até ganhar uma forma, esse “algo” vai passando por várias outras formas temporárias, conformações provisórias. Processos criativos colaborativos são potentes na medida em que constroem algo significativo a cada um dos participantes e conseguem compartilhar com outros essas significâncias. Nesses processos ficam **RASTROS** de pensamentos, ações e referências nossas e de outros. Dentre elas, as práticas artísticas de Mônica Nador e Jardim Miriam Arte Clube, do Coletivo Charivari e de Francis Alÿs deixam suas marcas aqui. De Nador, nos alimentamos dos processos de criação coletiva de stencils para traduzir vivências em registros visuais. De Charivari, nos apropriamos da condição híbrida, entre pôsteres e zines, de suas serigrafias, assim como nos encantamos com seu universo cromático. De Alÿs, nos interessamos pela força poética e política das ações coletivas para a inscrição de fábulas sociais.

RASTROS





Ao longo da realização deste projeto, podemos afirmar que a palavra mais falada e ouvida foi: **ESCOLA**. A centralidade da escola na vida individual e coletiva de alunos e professores é uma tônica. Nos relatos dos participantes ela se sobressai como o lugar das sociabilidades em uma cidade pouco visitada,

da manutenção dos laços afetivos e das condições básicas de vida. A escola, como a casa - outra palavra que muito ecoou - é o lugar do acolhimento no contexto da pandemia. É o ponto de referência, em um contexto de tensões políticas e instabilidades democráticas. É ainda centralidade em um bairro periférico. Com todas as conhecidas limitações que enfrenta o sistema público de ensino no país, a escola se mantém como o lugar de resistência e de (re)existências.

“E a escola, eu acho que cada vez vai melhorar, porque tiveram muitas mudanças. Ela literalmente não era assim, a gente olha agora e fala ‘nossa, como as coisas mudaram’. Por causa do espírito de quarentena, a gente conseguiu fazer um monte de coisas na escola que não conseguia fazer antes. [...] A gente vai ter que ter responsabilidade, vai ter que cuidar bem disso... não tem todo financiamento, não tem todo dinheiro às vezes pra acontecer isso. Veio uma verba pra gente, e a gente conseguiu fazer a escola virar literalmente diferente do que era”.

“Um local que eu penso muito é o planeta Marte. Eu não tenho mais idade pra isso, eu já passei da idade de querer ir pra lá, e nem nós estaremos aqui quando o homem conseguir chegar lá.”

REALIDADES MEMÓRIAS DESEJOS

“Acho que o lugar do sonho é um mundo justo, um mundo igualitário, um mundo sem coronavírus, não tem como não falar isso. Um mundo onde o abraço não seja um problema, onde o contato físico não seja proibido... onde as pessoas se encontram e se saúdam na rua sem medo. [...] Acho que esse é o mundo que eu gostaria de visitar hoje. Porque para quem passou meses isolado, eu falo que agora ter vindo para a escola tem sido um alento porque aqui a gente tem contato, conversa, encontra alunos, ouve histórias.”



Para assistir às entrevistas completas, acesse o QR code.

“[a parte que mais gosto da escola é] o laboratório, porque é uma coisa nova, onde a gente consegue mexer, consegue aprender mais, e é uma coisa que antigamente a gente não tinha direito. Agora a gente conseguiu reformar ela e fazer um negócio bem da hora. [...] Lugar onde a gente pode fazer experimentos e um monte de coisas. É um lugar que a gente queria bastante. Foi uma conquista.”

“Quería passar uma temporada nas Ilhas Maldivas [...] e estar na universidade, terminar minha universidade. Eu não penso pequeno, eu sempre penso grande.”

“Acho que o momento traz pra gente uma coisa mais perto. Não sonho em casas, viagens para a Europa [...] Eu sonho perto. Eu sonho em estar junto.”

“Eu gostaria de estar no Japão ou na Coreia [...] porque meu sonho é ser um ídolo pop, ou fazer mangás ou algo do tipo no Japão.”

“A gente pensa muito no passado, e não vive tanto o presente, mas o certo é a gente aproveitar bem o presente, e começar a traçar mais o futuro [...] acho que o futuro é para sonhar.”



“Acho que várias pessoas perceberam a diferença. Antigamente, antes da quarentena, a gente conversava muito, era a semana toda assim, e aí ficou um ano sem conversar com ninguém. Quando as aulas voltaram, todo mundo voltou a conversar, e aí colocamos o papo em dia. Foi o tempo que mais passamos conversando, uma vez por semana, o dia inteiro conversando. Fica guardado para quando a gente se encontra, bota o papo em dia.”

“Por algum motivo ficar sentado numa cadeira é menos cansativo do que ficar olhando no celular.”

“A arte pode ser uma ferramenta muito útil para esse momento [...] é algo essencial porque é ali que eu consigo me desconectar, consigo expressar às vezes a frustração, o medo. [...] Muitos alunos que não desenhavam têm desenhado. O clube de desenho da escola aumentou exponencialmente, todo mundo desenhando... mas ainda acho que falta um pouco entender essas linguagens como meio de expressão. Falta um pouquinho ainda para entender que dá para expressar vida no desenho.”

“Uma coisa que me marca muito é a casa da minha avó na minha infância. A melhor fase da minha vida foi lá, é um lugar que sempre que eu vou, eu lembro de tudo, é como se eu voltasse no tempo, eu gosto muito.”

“Para mim o mais importante hoje é chegar em casa e estar todo mundo lá.”

“A escola é o lugar que dá estrutura pra gente, onde a gente aprende, aprende a se comunicar [...] a gente passa mais tempo na escola do que em casa, então a escola é nossa segunda casa, e a gente tem que se adaptar a ela. É que ficar aqui das 7h30 até às 16h30 quando não é pandemia, é difícil também.”

“A casa virou a cidade. Eu fisicamente preciso estar em 3 locais, às vezes na casa dos meus pais, por pouco tempo; na minha casa e aqui [escola].”

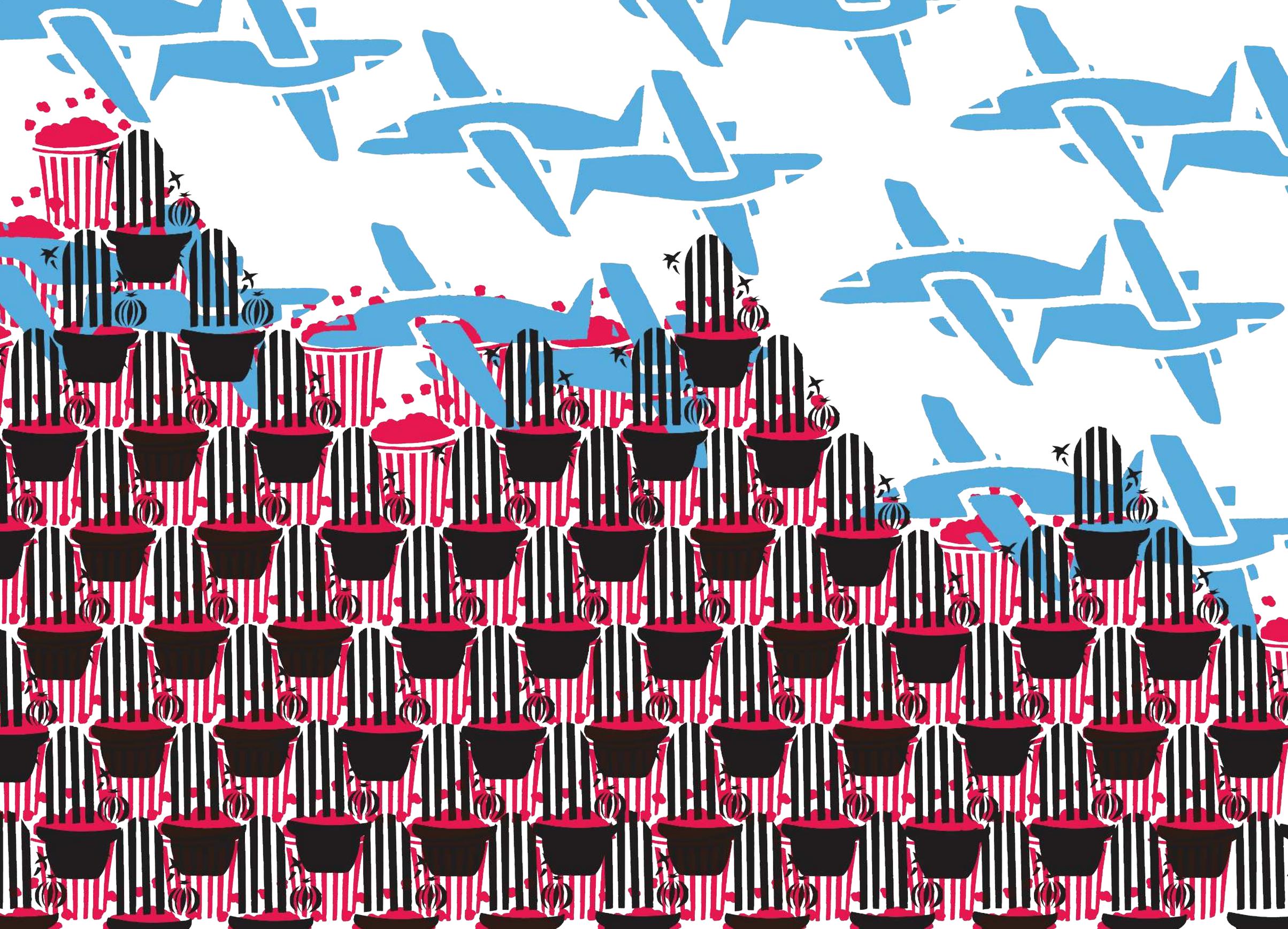
“[No futuro, sonho] que a gente consiga vencer essa pandemia, que a vacina chegue para todos. Que tenha uma oportunidade de emprego para mim.”

“A gente não é daqui. Minha família é da Bahia, a maioria mora lá [...], aqui só moram eu, meu pai, minha mãe e alguns irmãos do meu pai. E eu tenho muita vontade de ir para ficar perto deles, mas também em um lugar que eu tenha um futuro.”

“[Meu sonho é] faculdade, minha casa própria, meu sustento próprio, ser independente por mim.”



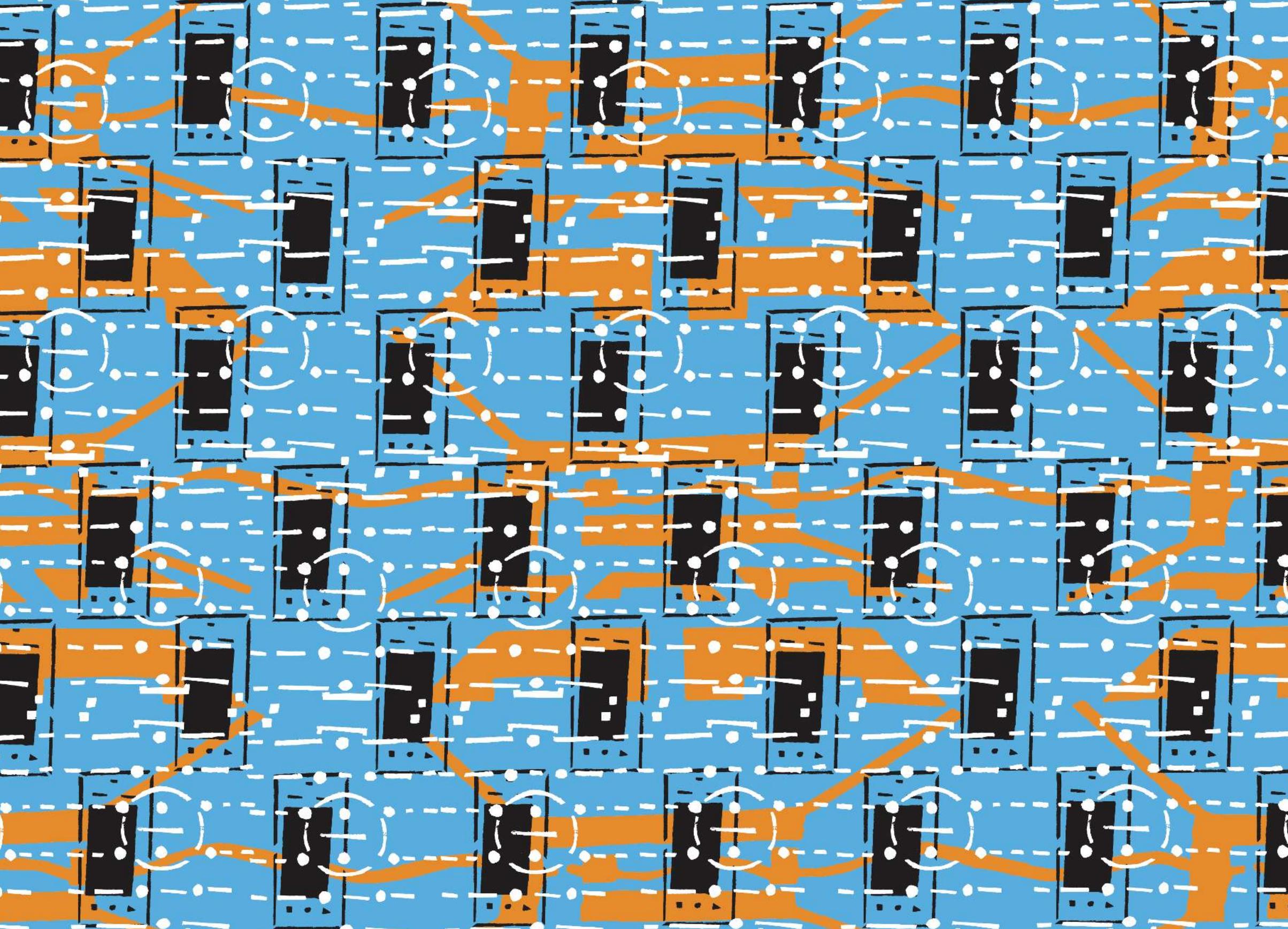




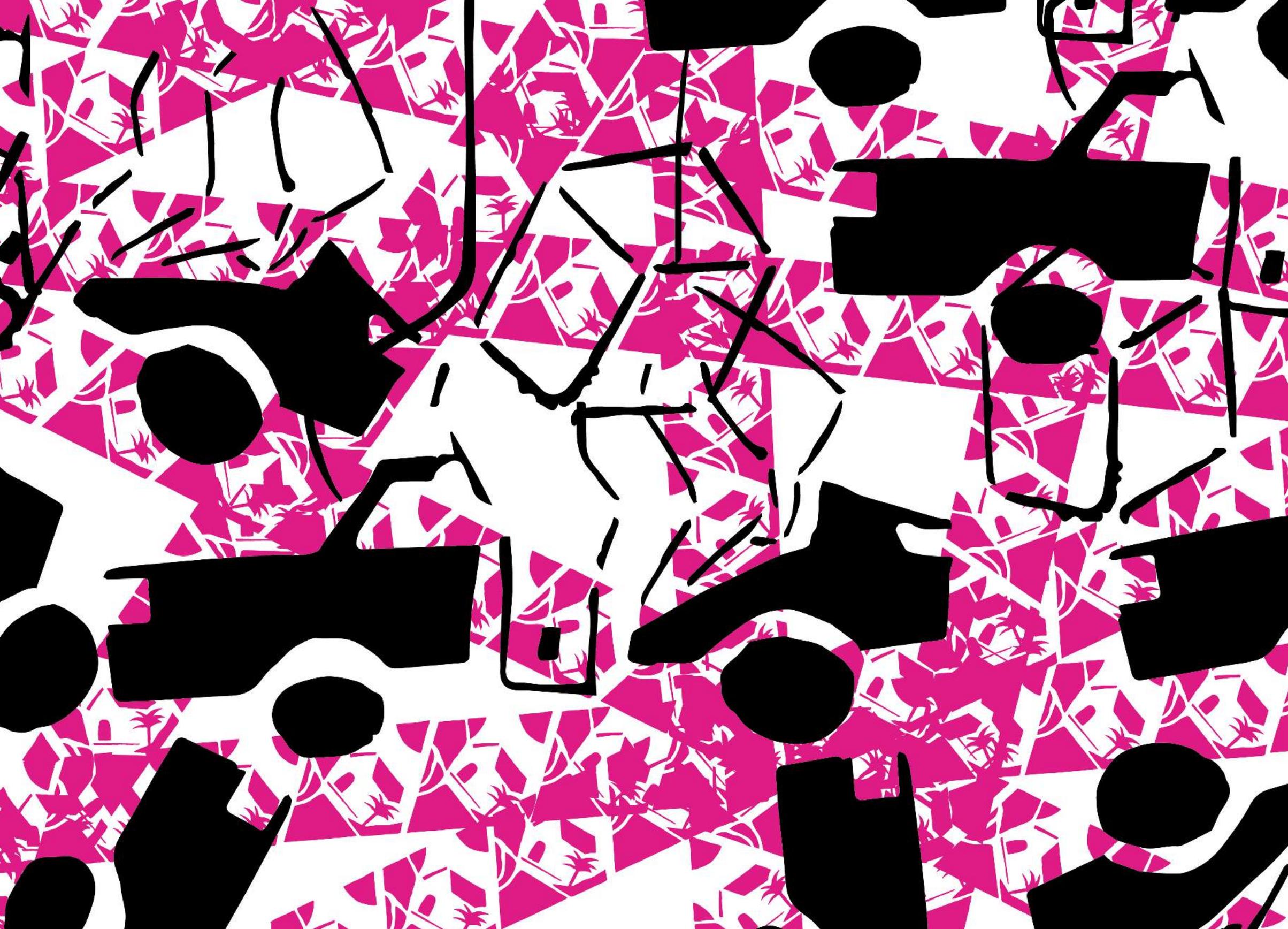




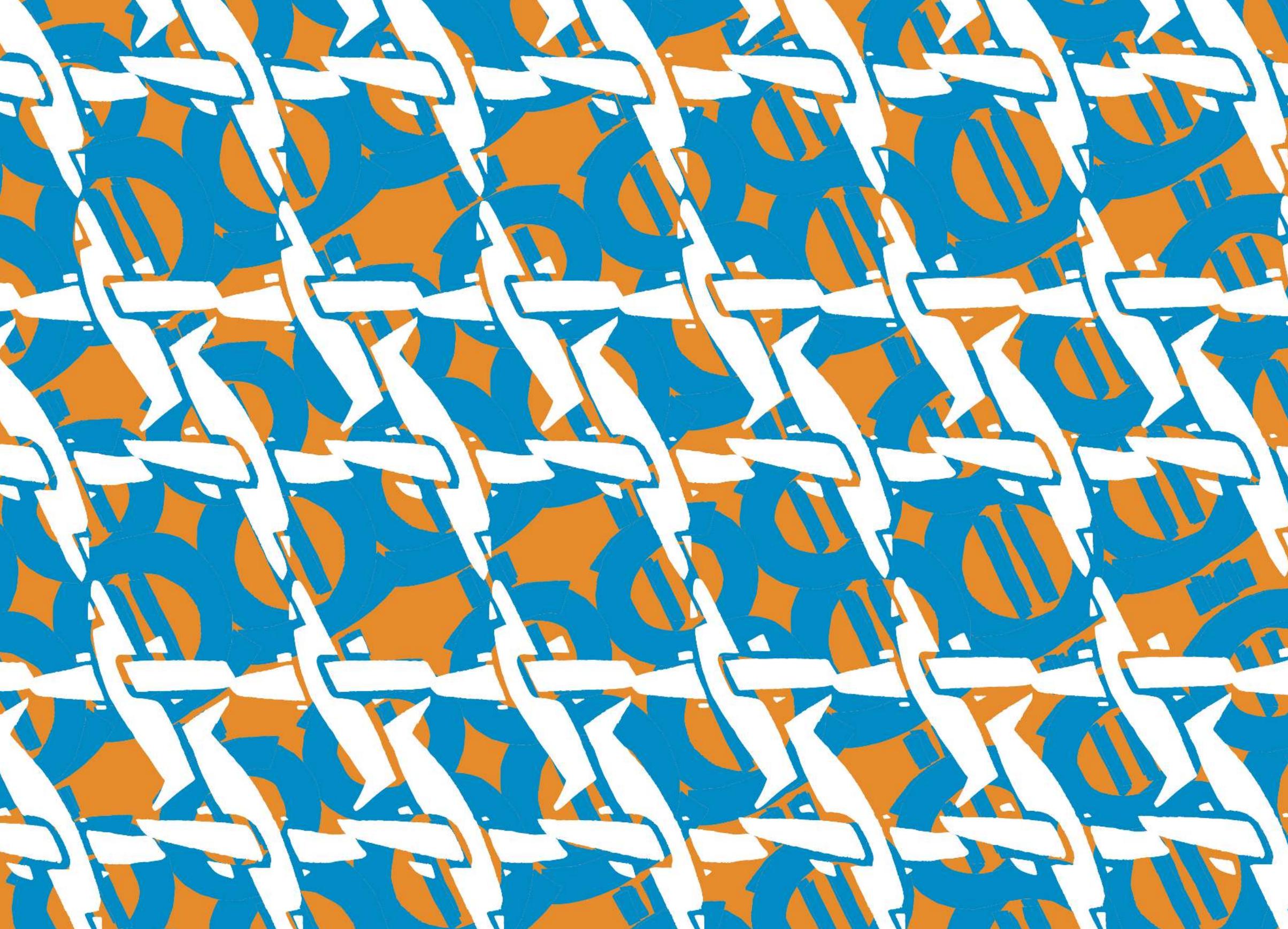


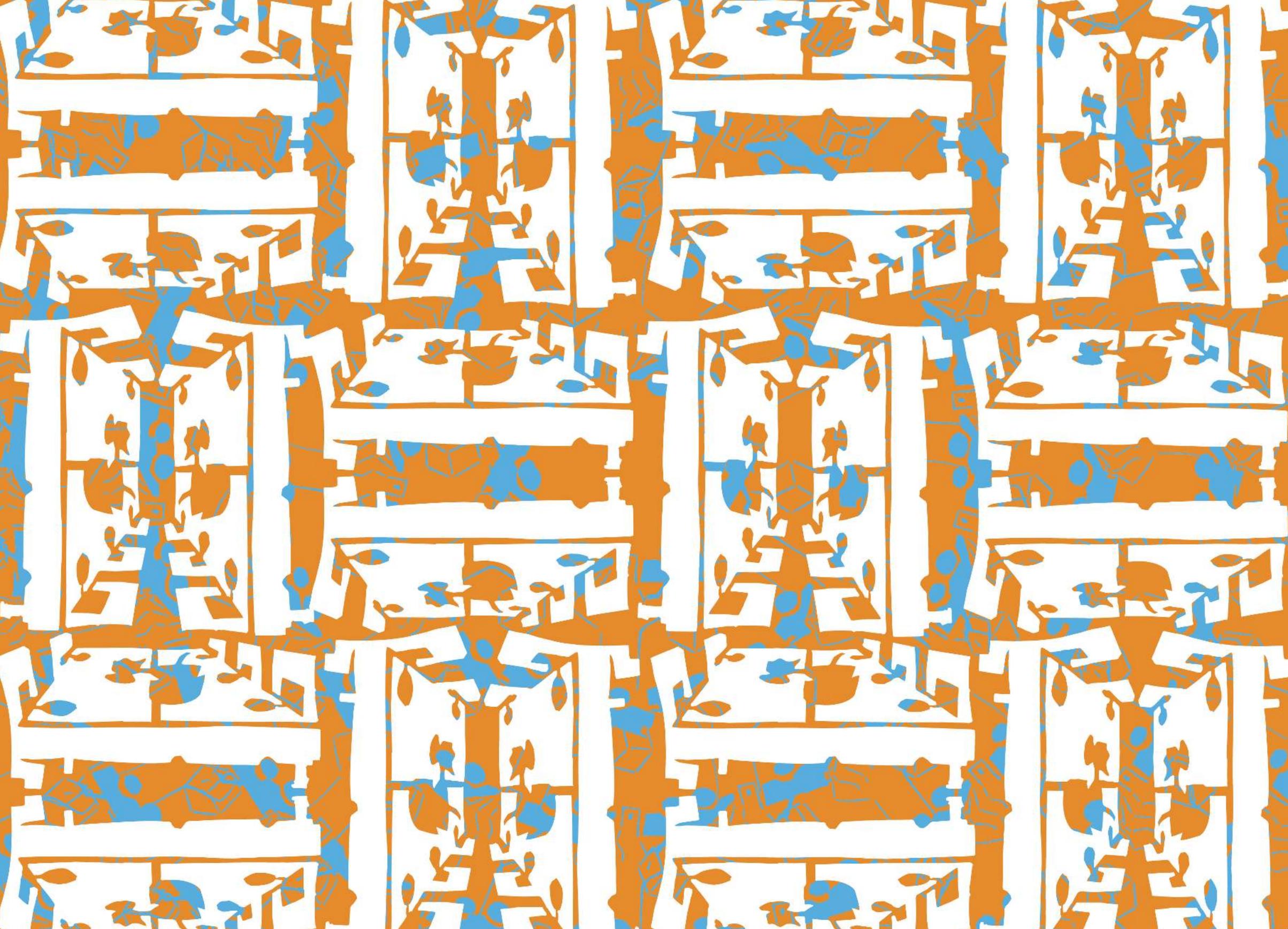














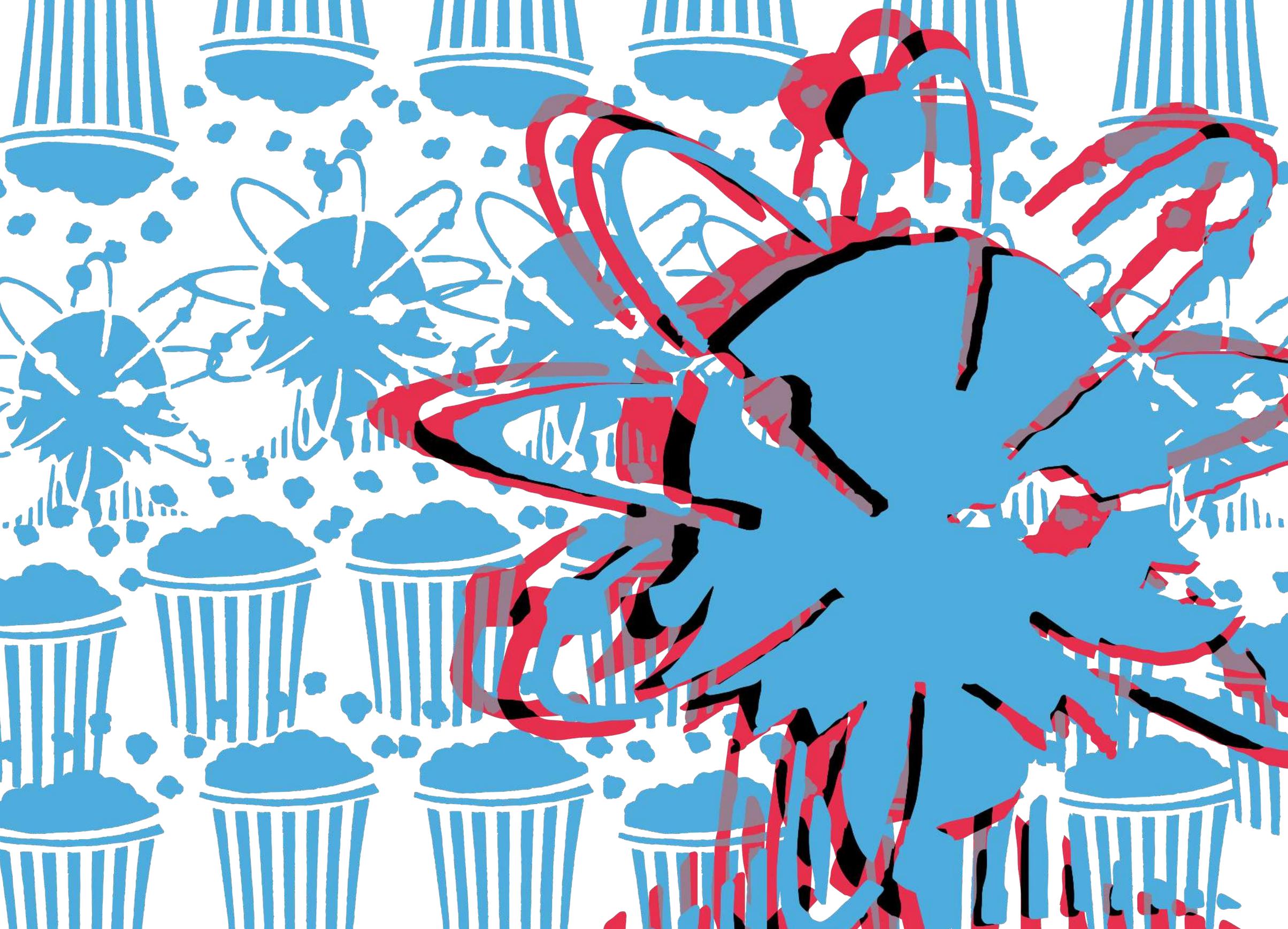


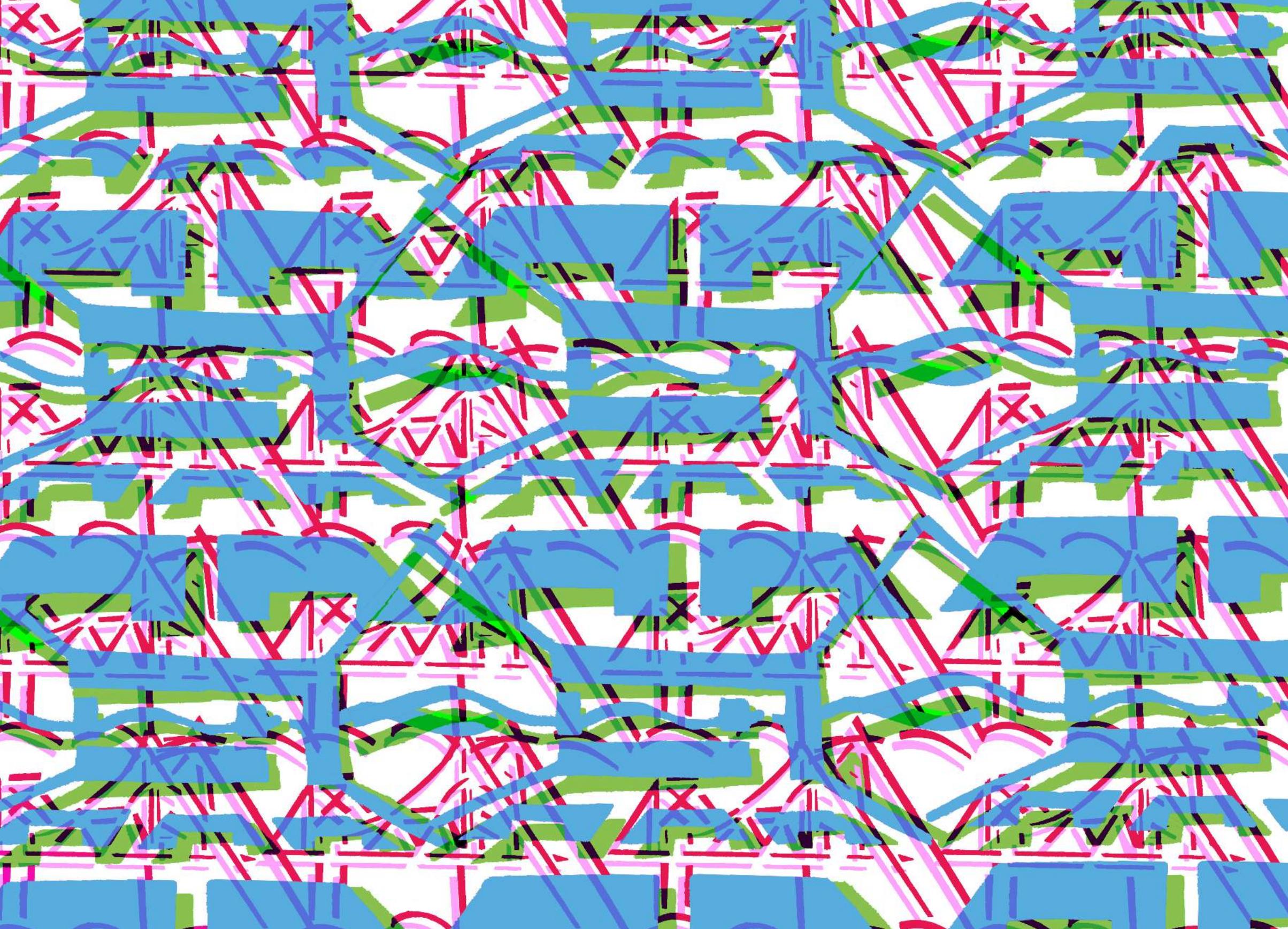




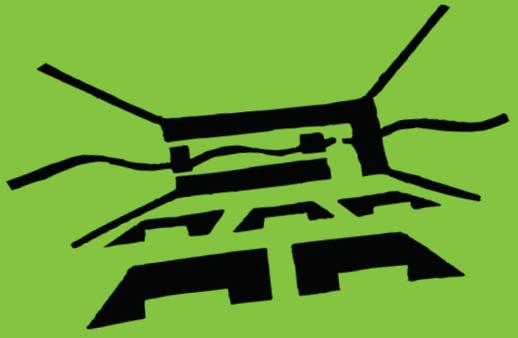
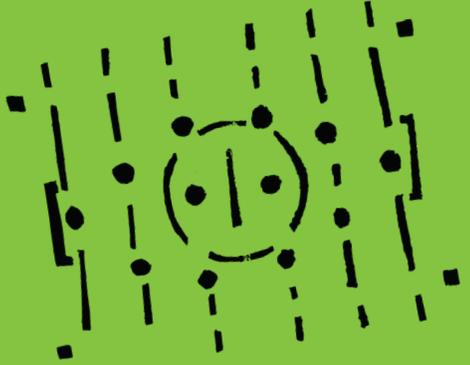
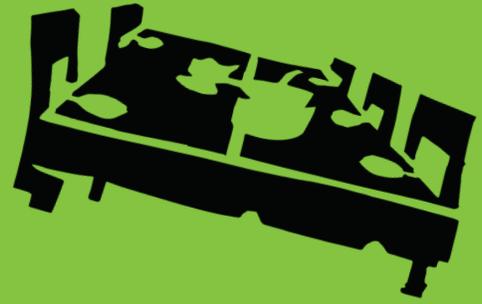












ELOS

PANDEMIA

RAÍZES

INFÂNCIA

CINEMA

RECREIO

FAMÍLIA

IGREJA

MORADIA

ESCOLA

CONNECTIVIDADE

RENDIA

TRABALHO

CONHECIMENTO

VIAGEM

ORIGENS

TRANSIÇÃO

MUDANÇA

O QUE FAZER COM O SEU STENCIL

FAÇA O SEU STENCIL

1

Painel: seu stencil pode ser replicado, lado a lado, e superposto, criando camadas com outras cores. Você e seus amigos podem fazer uma composição com vários stencils criando desenhos variados. O suporte pode ser papel ou uma superfície rígida.

2

Mural: Seguindo os mesmos passos, você pode escolher uma parede ou muro e criar um mural interno ou urbano.

3

Lambe-lambe: juntando as possibilidades 1 e 2, você pode criar lambe-lambes (painéis feitos de papéis colados)...

4

Aplicação em tecidos: utilizando tinta apropriada, você pode customizar camisetas, bolsas e qualquer tipo de tecido.

5

Fazer o que você quiser! Você e seus amigos podem criar um grupo de stencil. Podem inclusive remixar digitalmente seus stencils e produzir um livro como este!



1. Desenho: pegue papel e lápis e faça um desenho. De preferência, um desenho sintético, de algo representativo para você ou para um grupo do qual você faça parte. Melhor ainda se você chamar os amigos para fazerem juntos.



2. Molde vazado: passe esse desenho para uma folha de acetato ou vinil, usando uma caneta permanente. Corte o desenho com estilete.



3. Aplicação sobre superfície: posicione o molde vazado sobre uma superfície. Passe tinta com um rolo ou com spray. A escolha das cores é super importante para valorizar seu stencil.

Stencil é uma técnica usada para aplicar um desenho em uma superfície usando um molde vazado e tinta com rolo ou spray.

4. Reaproveitamento do material: limpe seus utensílios e o molde vazado para que possam ser reaproveitados em outra aplicação.



FAÇA SEU STENCIL AQUI FAÇA SEU STENCIL AQUI FAÇA SEU STENCIL AQUI

FAÇA SEU STENCIL AQUI FAÇA SEU STENCIL AQUI

FAÇA SEU STENCIL AQUI FAÇA SEU STENCIL AQUI

FAÇA SEU STENCIL AQUI FAÇA SEU STENCIL AQUI FAÇA SEU STENCIL AQUI